

XVII Semana de Psicologia da UEM  
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da  
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia  
24 a 27 de Outubro de 2016

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

**PODER DE AGIR, PODER DE SENTIR: AFETOS NA CLÍNICA DA ATIVIDADE**

Raphael Barbosa (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil); Guilherme Elias da Silva (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil).

contato: barbosa.rafael09@gmail.com

**RESUMO**

Neste trabalho buscamos correlacionar a abordagem da Clínica da Atividade acerca dos afetos com as propostas teóricas da Psicologia de Vygotsky e da teoria dos sentimentos proposta por Agnes Heller, visando uma relação dúplice de contribuição, em que uma melhor compreensão dos afetos beneficie a análise e a transformação do trabalho e as discussões obtidas colabore para a construção teórica sobre os afetos. Para tanto, nos utilizamos, como metodologia, de pesquisa bibliográfica fundamentada em livros e artigos referentes ao tema proposto. A Clínica da atividade, ao contrariar as abordagens demasiado cognitivas em análise do trabalho, recusa a dualidade entre cognição e afetos e compreende-os como indissociáveis de todo e qualquer ato humano, correlacionando-se portanto, com a teoria dos sentimentos de Agnes Heller, para quem as ações, sentimentos e pensamentos constituem todos os movimentos da vida humana. As discussões obtidas neste trabalho contribuem para repensar o poder de agir dos trabalhadores sobre a sua atividade, ressaltando as correlações e a importância dos afetos para a construção mais digna e coletiva do trabalho.

**PALAVRAS-CHAVE:** Clínica da Atividade. Afetos. Trabalho e Saúde Mental.

**INTRODUÇÃO**

Neste trabalho, pretendemos apontar como os afetos são compreendidos dentro de uma das propostas teórico-metodológicas das Clínicas do Trabalho: a Clínica da Atividade, cujas raízes se remontam aos estudos e pesquisas de Yves Clot e Daniel Fáita no *Conservatoire National des Arts e Métiers* (CNAM) na França, sendo o primeiro a principal referência nessa área de estudos. Além disso, procuraremos correlacionar as principais ideias acerca dos sentimentos em Clínica da Atividade aos pressupostos da Psicologia de Vygotsky e à teoria dos sentimentos da filósofa húngara Agnes Heller. Esta aproximação estabelece uma relação dúplice, em que os pressupostos teóricos acerca dos afetos contribui para a análise e

XVII Semana de Psicologia da UEM  
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da  
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia  
24 a 27 de Outubro de 2016

transformação do trabalho em Clínica da Atividade e esta, por sua vez, por meio das controvérsias inerentes à sua prática, corrobora com as discussões teóricas sobre os afetos.

A princípio teceremos breves explicações acerca de alguns dos pressupostos básicos que servem como ponto de partida para compreendermos as intenções e métodos em Clínica da Atividade. Passaremos por alguns dos desafios que se impõem àqueles que se dispõem a estudar/pesquisar a Psicologia do Trabalho, retomando alguns conceitos caros à análise e transformação do trabalho. Percorrendo este caminho, passaremos pelas situações laborais que geram sofrimento, tais situações começam a abrir caminho para falarmos sobre os afetos neste ambiente, objeto da segunda parte deste texto.

Percorreremos, no segundo momento, as questões pertinentes aos afetos que permeiam a Clínica da Atividade, partindo, principalmente, da obra ‘A função psicológica do trabalho’ de Yves Clot, e trazendo as reflexões deste autor sobre a obra de Vygotsky, bem como traremos à luz algumas contribuições da obra ‘Teoría de los sentimientos’ de Agnes Heller, com o intuito de relacionar a ideia de gênero profissional e estilização dos gêneros às metamorfoses históricas pelas quais os sentimentos e, por consequência, toda a atividade humana é submetida.

**Uma breve visita aos pressupostos teóricos da Clínica da Atividade:**

Na introdução de sua obra ‘A função psicológica do trabalho’, cuja primeira edição foi publicada em 1999, o psicólogo do trabalho Yves Clot aponta alguns direcionamentos para os estudos que envolvem a Psicologia e o trabalho. Segundo o autor, aqueles que decidem percorrer este caminho, devem estar atentos a dois pontos em especial: (1) as recentes transformações do mundo do trabalho e suas influências para a sociedade e para os indivíduos; (2) as contribuições que a Psicologia pode disponibilizar para a análise do trabalho.

Em relação ao primeiro quesito apontado, Clot (2007) citando Wallon demonstra, por um lado, que o sistema taylorista – que ainda repercute fortemente no seio das organizações – cria situações em que se exige muito pouco do trabalhador, no sentido de que a prescrição do único movimento correto priva os trabalhadores da iniciativa e, no entanto, precisam fazer um duplo sacrifício: o de seguir as prescrições e aquele para suprimir sua criatividade. O gesto ao mesmo tempo prescrito e interdito faz com que a atividade gere sofrimento. Bendassolli e

XVII Semana de Psicologia da UEM  
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da  
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia  
24 a 27 de Outubro de 2016

Soboll (2011) apontam que nas novas configurações do trabalho as relações interpessoais encontram-se fragmentadas, desta forma o reconhecimento de si e pelo outro através de seu ofício acabam por ser impedidos, fazendo com que o trabalho deixe de ser relacionado com a produção de obras e significados passando a ser apenas a apropriação de regras externamente impostas.

Há, por outro lado, nestas novas configurações do trabalho, de acordo com Bernardo (2006), discursos em defesa da flexibilidade que tentam esconder os vários conflitos de interesses nas relações trabalhistas, a flexibilidade é muito mais observada como publicidade ao cliente interno do que como práticas em situações reais de trabalho, uma vez que estas permanecem tão rígidas quanto o eram no capitalismo burocrático. Ao pregar a ‘participação’ dos trabalhadores nos processos decisórios, as organizações diferem radicalmente do ideal de participação pretendido pelas reivindicações sindicais, desta forma, a ‘participação’ assemelha-se mais à cooptação. Por meio destes mecanismos, as organizações flexíveis pretendem demonstrar-se preocupadas com as opiniões dos trabalhadores, quando na verdade permanecem endossando discursos autoritários (BARROS, 1999) que buscam reprimir os conflitos e mascarar o diálogo, esta modalidade de discurso suplanta as vozes dos trabalhadores fazendo com que se percam as múltiplas posições que formam um diálogo verdadeiro.

Clot (2007, 2011) aponta, destarte, que a flexibilidade e a variabilidade, tidas como obstáculos a serem evitados nos sistemas tayloristas, agora são também exigíveis e reivindicadas e “a prescrição da atividade se transforma em prescrição da subjetividade” (2007, p. 15). Tendo em vista, como citamos, a continuidade dos sistemas tayloristas/fordistas de organização do trabalho, surge uma situação paradoxal no ambiente laboral ao qual se encontram submetidos os trabalhadores: por um lado existe a prescrição da atividade e a decomposição dos gestos típicas destes sistemas, por outro há a prescrição da subjetividade e a negação da contribuição subjetiva, tais fatores levam a uma atividade inconciliável “que exige que os trabalhadores assumam responsabilidades sobre o trabalho quando, de fato, eles não tem nenhuma” (2011, p. 43).

Neste contexto a clínica da atividade compreende que os trabalhadores buscam, não apenas serem reconhecidos pelos outros, mas, mormente, reconhecerem-se no que fazem, criando uma história do ofício pela qual todos se sentem responsáveis e que, no entanto, não pertence a alguém em particular. Desta forma, a mobilização subjetiva direciona-se a essa

XVII Semana de Psicologia da UEM  
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da  
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia  
24 a 27 de Outubro de 2016

história que age como um supradestinatário, estabelecendo-se assim uma instância interpessoal do ofício, o que possibilita uma memória transpessoal, à qual Clot (2007) conceitua como o gênero profissional. Este gênero profissional, conforme apresenta Lima (2007), é uma gama de instrumentos construídos coletivamente, encontrados no interior da atividade individual e que organiza previamente a atividade. São técnicas de reorganização do ofício pelo coletivo e que só é conhecido por quem participa da mesma situação, “trata-se, portanto, de um instrumento coletivo da atividade individual” (LIMA, 2007, p. 100).

O papel que o gênero profissional ocupa, de acordo com Barros, Louzada e Silva (2011), é o de exercer uma forma de regulação por meio de mecanismos de cooperação entre trabalhadores que compila tanto regras formais quanto informais de ações comuns, apoiando e orientando a preparação, mobilização e disponibilidade de cada um, vinculando-os como coautores de uma narrativa, a qual todos conhecem, compreendem e avaliam da mesma forma.

No que se refere ao segundo ponto, ele defende a necessidade de uma renovação teórica e metodológica da psicologia do trabalho. Clot (2007) afirma se beneficiar das contribuições da psicodinâmica do trabalho, da psicopatologia do trabalho e da psicologia social do trabalho. Entretanto analisa criticamente essas correntes teóricas reformulando algumas das questões que envolvem a subjetividade e o conceito de atividade, compreendendo o trabalho não como apenas mais uma atividade, mas como uma atividade que exerce uma função psicológica específica na vida dos trabalhadores, e é justamente a esta função que ele se propõe definir.

Clot (2007) assume deliberadamente sua filiação à psicologia russa fundada por Vygotsky. Baseando-se nas considerações dessa proposta histórico-psicológica, compreende-se que o desenvolvimento de uma pessoa só pode ser entendido como a história de um desenvolvimento, nunca como algo predeterminado, ou “uma corrida rumo a uma meta conhecida de antemão, pois [...] O real se encarrega de transformar o desenvolvimento esperado em história não realizada” (CLOT, 2007, p. 13). Através do exposto acima, Clot define como objeto de análise das atividades do trabalho o desenvolvimento das atividades no contexto de suas histórias e impedimentos, tendo em vista que, através de suas pesquisas, Clot encontrou nas situações laborais a emergência de numerosos conflitos que se apresentavam como obstáculos que sujeitavam os trabalhadores a situações impossíveis de superar, causando sofrimentos desconhecidos ou negados. Para Clot (2007):

XVII Semana de Psicologia da UEM  
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da  
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia  
24 a 27 de Outubro de 2016

[...] A interiorização psíquica dos conflitos de critérios associados a objetivos praticamente irrealizáveis conduz a novas dissociações. [...] Vivências de impotência, ressentimento, melancolia, ou ao contrário, euforia profissional – clássicas nos trabalhadores que tentam proteger-se do medo de ser despedidos – formam então um quadro clínico mesclado: o de uma atividade em que a disponibilidade psicológica investida pelo trabalhador para se sentir “responsável” pelo futuro da empresa e do serviço é simultaneamente confinada, a ponto de encolerizar-se consigo mesmo (p. 16).

Como podemos ver nesta breve introdução a algum dos pressupostos fundamentais à Clínica da Atividade, e que, obviamente, não se esgotam no que apresentamos, o sofrimento pela falta do poder de agir nos indica alguns caminhos para compreendermos como são abordados os afetos na Psicologia Clínica do trabalho proposta por Yves Clot. Destarte, passaremos a abordar algumas considerações a respeito dos afetos que são caros à teoria aqui abordada.

### **Os afetos na Clínica da Atividade**

Clot (2007), ao deixar claro sua filiação à Psicologia de Vygotsky, apresenta, já no início de sua discussão sobre as possibilidades de uma Psicologia do Trabalho, a seguinte afirmação: “A tradição vygotskyana acha-se completamente vinculada com a elaboração de uma teoria da consciência, unindo, na atividade, o pensamento, a linguagem e as emoções do sujeito”? (p. 24).

Desta forma, para compreendermos melhor às correlações entre o tema dos afetos em Vygotsky e as propostas teórico-metodológicas apresentadas na Clínica da atividade, apresentaremos as ideias de Clot (2014) acerca de um artigo de Vygotsky recentemente traduzido para o francês (língua materna de Yves Clot) intitulado ‘As emoções e seu desenvolvimento na criança’ resultado de uma conferência sobre Psicologia no Instituto Pedagógico Superior de Leningrado em 1932.

Para usar como conceito comparativo às emoções Clot (2014) retoma o exposto por Zavaloff sobre a proximidade entre a percepção e a emoção. Segundo este autor “a emoção constitui, na esfera do afetivo, o equivalente da percepção na esfera intelectual” (p. 132). A emoção seria uma antecipação sobre uma situação na qual o sujeito se encontra implicado e se apresenta como um sinal interno anterior a qualquer abordagem racional sobre si. Citando

XVII Semana de Psicologia da UEM  
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da  
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia  
24 a 27 de Outubro de 2016

Santiago-Delefosse, Clot assume que “socialmente construída, compartilhada, contagiosa, a emoção transforma, portanto, o organismo em instrumento psicológico” (p. 132).

Vygostsky compreende que assim como a ação e a percepção, a emoção também participa de uma história que não é apenas pessoal:

Nossos afetos se manifestam dentro de um sistema complexo de conceitos, e quem não vê que o ciúme de um homem vivido através dos conceitos islâmicos de fidelidade é diferente do ciúme de um outro que dispõe de um sistema de representações opostas, não compreendeu que esse sentimento é histórico, que ele se transforma fundamentalmente em função do ambiente ideológico e psicológico, embora, sem dúvida alguma, um certo elemento biológico fundamental se mantenha e forme a base do sentimento (VYGOTSKI *apud* CLOT, 2014, p. 126).

Diante do exposto fica claro que as emoções são acometidas a um processo de desenvolvimento em que afetos e conceitos não são, de maneira alguma, inimigos. Neste ponto, encontramos correlações com a teoria dos sentimentos de Agnes Heller (1980) que visa escapar das concepções dicotômicas entre sentimento e pensamento, preferindo então a unidade entre sentimento, pensamento e moralidade. Para a autora “acción, pensamiento y sentimiento caracterizan todas las manifestaciones de la vida humana, que sólo pueden ser separados funcionalmente” (p. 32)<sup>1</sup>. Daí surge então a crítica, pela Clínica da Atividade, a respeito das perspectivas cognitivistas em análise do trabalho que, embora considerem as múltiplas dimensões concernentes aos aspectos coletivos ou afetivos, compreendendo o operador humano como um sistema cognitivo multiprocessador ao qual se acrescenta um sistema afetivo, fisiológico e o papel de ator social, mas que, entretanto, privilegia a cognição, ressaltando as outras dimensões apenas como um contexto. Clot (2010) aponta que é insuficiente adicionar ao modelo cognitivo o modelo de uma vivência emocional, sugerindo que é necessário “escapar ao dualismo nefasto do cognitivo e emotivo” (p. 04). Contrapondo-se ao dualismo, ele nos diz que:

As vidas fisiológica, afetiva ou social não são contextos exteriores para o funcionamento cognitivo ou, melhor dizendo, elas infelizmente se transformam nisso quando há um interesse por um funcionamento cognitivo demasiado separado do desenvolvimento cognitivo (CLOT, 2007, p. 28).

---

<sup>1</sup> Ação, pensamento e sentimento caracterizam todas as manifestações da vida humana, que só podem ser separadas funcionalmente [tradução nossa].

XVII Semana de Psicologia da UEM  
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da  
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia  
24 a 27 de Outubro de 2016

Se compreendemos, então, o sujeito humano como um ser unificado, evitando a dicotomia pensamentos/sentimentos, pretendemos também evitar os estudos em Psicologia que tem desclassificado a consciência de duas maneiras: por um lado, tem-se a ideia de sua redução como um sistema de tratamento de informações preconizado nas ciências cognitivas. Essa ideia se mostra limitada, já que a cognição não só não envolve todo o pensamento, como ainda a consciência necessita de um corpo próprio e um mundo real, portanto, essa inteligência sem um corpo priva os sujeitos do mundo dos afetos e das paixões e não pode se constituir como eixo central da Psicologia. Por outro lado, a psicanálise, ao se dar conta disso, desqualifica a consciência mais uma vez, rebaixando-a a uma releitura representativa mental. Vygotsky se posiciona radicalmente contrário a esse pressuposto de que a consciência seja uma “interioridade psíquica sedentária” (CLOT, 2014, p. 125).

Para ele a consciência não possui um modo de ser ou um lugar determinado, ela não existe, embora seja real de uma outra maneira. A este paradoxo Clot aponta que Vygotsky responde da seguinte maneira:

[...] a consciência não existe como um estado mental separado, mas como uma relação real. É somente em movimento que ela mostra o que ela é. Se a separamos da vida, nós a privamos de sua função principal que consiste em nos libertar, através da ação, das subordinações da situação concreta (p. 126, CLOT, 2014).

É importante resgatar essa conceituação da consciência para uma compreensão do papel dos afetos em análise do trabalho, uma vez que é pela mediação das emoções que ocorre a mobilização subjetiva, ou seja, sua capacidade de se expandir e ter seu funcionamento renovado em contextos vivos e originais. As emoções possuem um papel dinamogênico, ou seja, são responsáveis por dar vitalidade ao comportamento humano e formar a ação mental. Clot (2014) nos diz que é importante deixar claro que a vitalidade não é uma característica exclusivamente fisiológica, justamente pela concepção da negação da dicotomia que faz a vida não ser referente apenas à esfera orgânica.

A vitalidade, para Vygotsky, se modifica em seu desenvolvimento pelas mudanças de lugar, de suas causas e consequências, pela história do sujeito e de seu corpo, por isso as emoções podem vislumbrar o futuro. Destarte, Clot (2014) busca evitar as explicações causais mecanicistas para se ater às explicações históricas, conjecturando, portanto, que as emoções e suas expressões são mediadas pela história tanto do sujeito como a da sociedade. Heller (1980) pontua isso quando diz que os afetos fazem parte de um caráter social. Segundo ela, todos os afetos pertencem à espécie humana em geral, e não são individualmente ou

XVII Semana de Psicologia da UEM  
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da  
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia  
24 a 27 de Outubro de 2016

socialmente idiossincráticos. Para a autora, é a expressão deles que pode ser modificada, já que as prescrições sociais relativas aos afetos, e também as decisões e preferências individuais, podem diminuir a intensidade das expressões.

Encontramos, portanto, nas explicações de Agnes Heller um ponto importante e que se coaduna com as propostas da Clínica da Atividade. Podemos explicar essas modificações dos sentimentos relacionados ao trabalho pelo gênero profissional e pelos processos de estilização, uma vez que os sentimentos são peças fundamentais para a atividade.

Já abordamos o gênero profissional na primeira parte de nossa exposição conceituando-o como uma espécie de estoque de atos previstos, de conceptualizações pragmáticas prontas para servir ao trabalhador, uma memória transpessoal que instala as condições iniciais das atividades em curso, atuando ao mesmo tempo como coerção e como recurso dos trabalhadores, trata-se de um gênero externo e social. Clot e Faïta (2000) assumem que os indivíduos podem acessar também uma espécie de gênero interior, afirmando que os sujeitos são sempre premeditados pelos seus próprios roteiros:

[...] instruments opératoires, perceptifs, corporels, émotionnels ou encore relationnels et subjectifs sédimentés au cours de sa vie, qu'on peut voir également comme un stock de prêts-à-agir en fonction de l'évaluation de la situation, sorte de genre intérieur qui contraint, facilite et éventuellement fourvoie son action. C'est là son expérience (CLOT & FAÏTA, p. 17, 2000).<sup>2</sup>

Existe, no entanto, um terceiro termo entre o gênero exterior e o gênero interior, chamado pelos autores de estilo. O estilo é o que assinala uma possível emancipação de sua memória singular e também de sua memória impessoal e social. Em relação a esta, ele libera o sujeito do gênero socialmente construído não pela sua negação, mas pelo seu desenvolvimento, fazendo com que ele se renove. Em relação àquela, as variantes subjetivas e incorporadas, ele a confronta pela via do vir-a-ser, ou seja, ele as inscreve numa história.

O estilo é esta emancipação dos pressupostos genéricos da ação por onde se realiza um duplo enriquecimento destes mesmos pressupostos: o enriquecimento dos contatos sociais com si mesmo e os relacionamentos pessoais forjados com os outros – contatos e relações pelos quais podemos, numa perspectiva vygotskyana, definir a consciência. Não podemos esquecer da importância desta dimensão psicológica na vida do ofício. A existência de um

---

<sup>2</sup> [...] instrumentos operatórios, perceptivos, corporais, emocionais ou relacionais e subjetivos sedimentados no curso de sua vida, que podemos ver igualmente com um estoque de formas de agir em função da avaliação da situação, um tipo de gênero interior que constrange, facilita e, eventualmente, engana sua ação. É a sua experiência [tradução nossa].

XVII Semana de Psicologia da UEM  
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da  
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia  
24 a 27 de Outubro de 2016

estilo na ação evidencia os desenvolvimentos respectivos em curso do homem pensante e do ser vivo, em outras palavras da consciência e da experiência.

Podemos relacionar essas propostas à teoria de Heller (1980) quando a autora traz à tona a formulação da antinomia humana, em que ao mesmo tempo nosso organismo é um sistema individual, ou seja, só podemos nos voltar ao mundo partindo do eu, do equipamento orgânico e, ao mesmo tempo, o caráter de nossa espécie é externo, cuja consciência é condicionada socialmente.

Para finalizarmos essa abordagem da Clínica da Atividade aos afetos, é importante levarmos em conta sua proposta metodológica que visa à transformação dos ambientes de trabalho e do fortalecimento dos coletivos de trabalho através de uma atividade sobre a atividade. O principal método da Clínica da Atividade é chamado por Clot e Faïta (2000) de autoconfrontação cruzada. Nela não se procura simular a situação ordinária de trabalho, mas confrontá-la com uma outra situação, uma situação de reformulação, na qual os operadores, expostos à imagem (geralmente gravadas em áudio e vídeo) de seu próprio trabalho, colocam primeiramente em palavras, com a presença de um parceiro-expectador, o que eles pensam ser o constante da atividade. Eles dialogam então um com o outro e com eles mesmos, observando à tela e verbalizando o que eles observam. A verbalização em análise do trabalho é um instrumento de ação interpsicológica e social, em que os trabalhadores, neste processo de coanálise, testam, decifram e desenvolvem seus afetos através dos afetos do outro, não no sentido de apropriação do afeto, mas pela expressão e pelo intercâmbio que oferece essa relação. Na autoconfrontação, portanto, o gênero profissional é trazido à tona para os trabalhadores e, nesse momento, os afetos assumem sua característica socialmente informativa, como proposta por Heller (1980), para quem o sentimento é sempre expressão; e a expressão de um sentimento é sempre um signo que comporta algum significado.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As discussões acerca dos afetos podem tomar rumos os mais variáveis possíveis, procuramos aqui desenvolver uma breve discussão sobre os afetos no trabalho na visão teórico-metodológica da Clínica da Atividade, compreendendo que os afetos são

XVII Semana de Psicologia da UEM  
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da  
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia  
24 a 27 de Outubro de 2016

indissociáveis de todo e qualquer ato humano e que, portanto, falar em análise e transformação do trabalho inclui, necessariamente, a discussão acerca dos afetos.

O que pretendemos demonstrar neste trabalho é que, ao concordarmos com a ideia da centralidade do trabalho e da função psicológica que ele exerce no desenvolvimento dos sujeitos, a Clínica da Atividade pode trazer contribuições importantes às teorias que abordam a questão dos afetos e, ao mesmo tempo, ser por elas beneficiada, já que Clot compreende que a atividade de construção teórica, assim como a atividade de trabalho, nunca tem sua última palavra dita. O fazer em Clínica da Atividade trata-se de uma eterna construção que exige a controvérsia e a discussão com diferentes áreas do saber.

Compreendemos que no trabalho, devido às configurações extenuantes e coercitivas dos mecanismos de gestão e da prescrição da atividade para os trabalhadores, não é raro que os trabalhadores tenham suas atividades ‘desafetadas’, ou seja, os afetos são expressados em tons de sofrimento e até mesmo de patogenias do trabalho. A Clínica da Atividade e os demais autores abordados aqui, contribuem para repensar o poder de agir dos trabalhadores sobre a sua atividade, ressaltando as correlações e a importância dos afetos para a construção mais digna e coletiva do trabalhar na contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, D. L. P. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 1999.

BARROS, M. E. B.; LOUZADA, A. P. F.; SILVA, C. O. Clínica da atividade: dos conceitos às apropriações no Brasil. In: BENDASSOLLI, P. F.; SOBOLL L. A. P. (Orgs.). **Clínicas do trabalho**. São Paulo: Atlas, 2011.

BENDASSOLLI, P. F.; SOBOLL L. A. P. Introdução às clínicas do trabalho: aportes teóricos, pressupostos e aplicações. In: BENDASSOLLI, P. F.; SOBOLL L. A. P. (Orgs.). **Clínicas do trabalho**. São Paulo: Atlas, 2011.

BERNARDO, M. H. **Discurso flexível, trabalho duro**: o contraste entre o discurso de gestão empresarial e a vivência dos trabalhadores. 2006. 233 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2006.

CLOT, Y. **A função psicológica do trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2006.

CLOT, Y. **Trabalho e poder de agir**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

XVII Semana de Psicologia da UEM  
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da  
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia  
24 a 27 de Outubro de 2016

CLOT, Y. Clínica do trabalho e clínica da atividade. In: BENDASSOLLI, P. F.; SOBOLL L. A. P. (Orgs.). **Clínicas do trabalho**. São Paulo: Atlas, 2011.

CLOT, Y. Vygotski: a consciência como relação. **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 26, n. spe. 2, p. 124-139, 2014.

CLOT, Y.; FAÏTA, D. Genres et styles en analyse du travail: concepts et methods. **Travailler**, Paris, v. 4, p. 7-42, 2000.

HELLER, A. **Teoría de los sentimientos**. Barcelona: Editorial Fontamara, 1980.

LIMA, M. E. A. Contribuições da Clínica da Atividade para o campo da segurança no trabalho. **Revista brasileira de saúde ocupacional**, São Paulo, v. 32, n. 115, p. 99-107, 2007.